



**CRIAR**  
**CIDADES**  
**MAIS VERDES**



As denominações empregadas neste informativo e a forma em que são apresentados os dados aqui contidos não implicam, por parte da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em qualquer juízo sobre a condição jurídica ou nível de desenvolvimento de países, território, cidade ou zonas, nem de suas autoridades, nem em relação à delimitação de suas fronteiras ou limites. A menção de empresas ou de produtos de algum fabricante em particular, estejam ou não patenteados, não implica que a FAO os aprove ou recomende, em relação a outros de natureza similar que não tenham sido mencionados.

Todos os direitos reservados. São autorizadas a reprodução e a difusão de material contido nesse informativo com fins educacionais ou outros fins não comerciais sem prévia autorização, por escrito, dos titulares dos direitos de autor, desde que a fonte seja citada de forma completa. É proibida a reprodução de material contido neste informativo para revenda ou outro fim comercial sem prévia autorização, por escrito, dos titulares dos direitos de autor. As solicitações para obter tal autorização deverão ser solicitadas a:

Chief  
Electronic Publishing Policy and Support Branch  
Communication Division  
FAO  
Viale delle Terme di Caracalla, 00153 Rome, Italy  
e-mail: [copyright@fao.org](mailto:copyright@fao.org)

© FAO 2012



# Cidades de desespero - ou oportunidade?

**Desafio: desviar a urbanização de seu rumo atual, insustentável, para cidades mais verdes que ofereçam opções, oportunidades e esperança.**

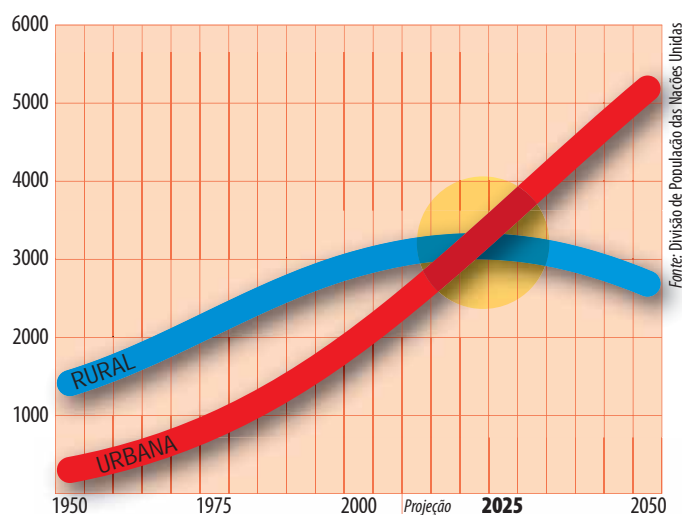
**A**s cidades e centros urbanos nos países em desenvolvimento estão crescendo a uma escala sem precedentes. Há dez anos, cerca de 40% da população do mundo em desenvolvimento – ou 2 bilhões de habitantes – viviam em áreas urbanas. Desde então, esse número aumentou a um ritmo de quase o dobro do crescimento da população total, para mais de 2,5 bilhões. Trata-se do equivalente a quase cinco novas cidades do tamanho de Pequim a cada 12 meses. Em 2025, mais de metade da população do mundo em desenvolvimento – 3,5 bilhões de pessoas – será urbana.

Enquanto na Europa e América do Norte a urbanização levou séculos, estimulada pela industrialização e aumento constante da renda *per capita*, no mundo em desenvolvimento ocorrerá no espaço de duas ou três gerações. Em muitos países em desenvolvimento, o crescimento urbano está sendo impulsionado não pela oportunidade econômica, mas por altas taxas de nascimento e um afluxo maciço de habitantes rurais que procuram escapar da fome, pobreza e insegurança.

A maioria das cidades que mais crescem no mundo encontra-se nos países de baixa renda da Ásia e África com populações jovens. Nos próximos 10 anos, o número de habitantes urbanos na África Subsaariana deverá crescer quase 45%, de 320 milhões para 460 milhões. Kinshasa, capital de um dos países mais pobres do mundo, hoje é a megalópole futura que mais cresce no mundo. Em 2025, a população urbana dos países menos desenvolvidos da Ásia terá crescido de 90 milhões para cerca de 150 milhões, e Dhaka deverá ser a quinta maior cidade do mundo, com 21 milhões de habitantes.

Estas páginas são ilustradas com desenhos do Plano Mestre de Kigali, um esquema de longo prazo para o desenvolvimento sustentável da capital de Ruanda. O plano prevê uma cidade em meio a cinturões verdes e zonas reservadas para agricultura urbana, e espaços abertos com hortas comunitárias.

**Figura 1. Crescimento demográfico no mundo em desenvolvimento, 1950-2050 (milhões)**  
*Em 2025, mais de metade da população do mundo em desenvolvimento será urbana.*



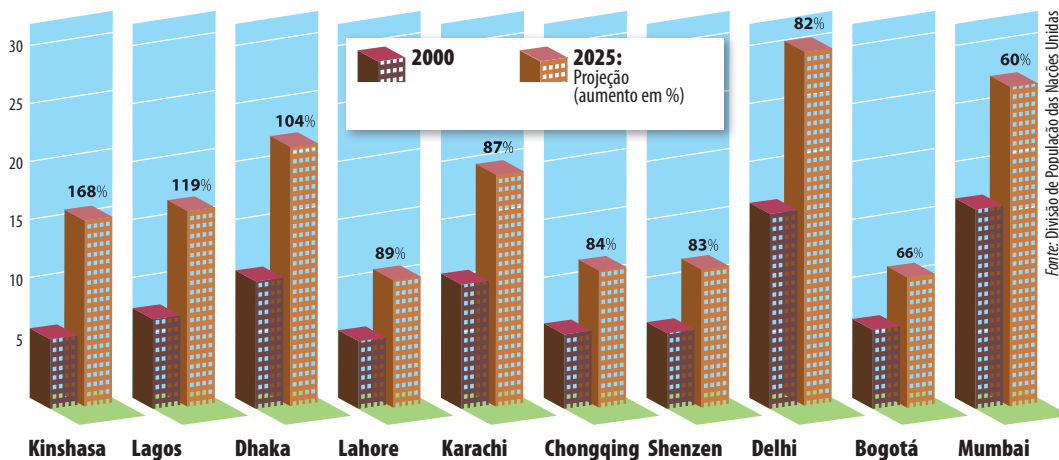


A urbanização em países de baixa renda é acompanhada de altos níveis de pobreza, desemprego e insegurança alimentar. Estima-se que em todo o mundo um bilhão de pessoas vivam em favelas, sem acesso a serviços básicos de saúde, água e saneamento. Cerca de 30% da população urbana do mundo em desenvolvimento – 770 milhões de pessoas – está desempregada ou são “trabalhadores pobres”, com renda abaixo da linha oficial de pobreza.

Esses pobres urbanos gastam a maior parte de sua renda para alimentar-se. Porém, muitas vezes seus filhos apresentam níveis de desnutrição tão altos quanto os das áreas rurais. Para sobreviver, milhões de favelados cultivam seus próprios alimentos em cada

**Figura 2. Crescimento demográfico em cidades selecionadas, 2000-2025 (milhões)**

*As megalópoles do futuro crescem mais rapidamente na África e Ásia.*



pedaço de terra disponível: em seus quintais, ao longo dos rios, estradas e ferrovias e sob as linhas de transmissão de energia.

O crescimento das favelas ultrapassa o crescimento urbano por uma ampla margem. Em 2020, a proporção da população urbana pobre poderá chegar a 45%, ou 1,4 bilhão de pessoas. Nesse ano, 85% dos pobres da América Latina, e quase metade dos pobres da África e Ásia, se concentrarão em áreas urbanas.

Essa perspectiva, que está sendo descrita como a “nova bomba demográfica”, é um pesadelo para a governança: aglomerados urbanos

degradados e empobrecidos, com grandes populações vulneráveis de pessoas socialmente excluídas, jovens e desempregadas.



## A promessa de cidades mais verdes

**Um desenvolvimento urbano que proporciona segurança alimentar, trabalho e renda decente, meio ambiente limpo e boa governança para todos os cidadãos.**



**U**m futuro melhor para as cidades em desenvolvimento é tanto imperativo

quanto possível. Historicamente, as cidades foram lugares não de miséria e desespero, mas de oportunidade: economias de escala, emprego e melhor padrão de vida, especialmente para os pobres rurais que buscam uma vida melhor. Elas serviram de motor para o progresso social e o desenvolvimento econômico nacional.

A criação de condições para concretizar esse potencial – em Kinshasa, Dhaka e outras cidades do mundo em desenvolvimento que estão crescendo – é crucial *agora* e o será ainda mais nas próximas décadas. O desafio consiste em desviar a urbanização de seu rumo atual, insustentável, para cidades *mais verdes*, sustentáveis, que ofereçam opções, oportunidade e esperança a seus habitantes.

O conceito de “cidades verdes” – resilientes, autossuficientes e com sustentabilidade social, econômica e ambiental – está usualmente associado ao planejamento urbano em países mais desenvolvidos. Sugere ecoarquitetura de alta

tecnologia, ciclovias e indústrias de circuito fechado que não produzem resíduos.

Contudo, tem uma aplicação

especial, e dimensões sociais e econômicas significativamente diferentes, em países de baixa renda. Neles, os princípios básicos de cidades mais verdes podem guiar um desenvolvimento urbano que assegure segurança alimentar, trabalho e renda decente, um meio ambiente limpo e boa governança para todos os cidadãos.

Um ponto de partida para *criar cidades mais verdes* é reconhecer e integrar às políticas e planejamento urbano muitas das soluções criativas que os pobres urbanos desenvolveram para fortalecer suas comunidades e melhorar sua vida. Uma dessas soluções – aspecto essencial do planejamento de cidades verdes nos países desenvolvidos e num crescente número de países em desenvolvimento – é a horticultura urbana e periurbana.

**Não é novidade: a cidade inca de Machu Picchu no Peru incluía uma área residencial e uma zona de terraços intensamente cultivados.**





## *Como a horticultura ajuda a criar cidades mais verdes*

**A** horticultura urbana e periurbana (HUP) é o cultivo de uma grande variedade de lavouras, como frutas, hortaliças, raízes, tubérculos e plantas ornamentais, nas cidades e zonas circundantes.

Estima-se que 130 milhões de habitantes urbanos na África e 230 milhões na América Latina praticam a agricultura, sobretudo horticultura, para fornecer alimentos a suas famílias ou obter renda com a venda dos produtos.

Embora a população urbana pobre, em particular os que chegam das zonas rurais, pratique a horticultura há muito tempo como meio de subsistência e estratégia de sobrevivência, em muitos países este setor é em grande parte informal, usualmente precário e às vezes ilegal.

Mas isso está mudando rapidamente. Na última década, os governos de 20 países buscaram a ajuda da FAO para eliminar obstáculos e proporcionar incentivos, insumos e capacitação a “agricultores urbanos” de baixa renda, das metrópoles em expansão da África Ocidental e Central até os bairros de baixa renda de Manágua, Caracas e Bogotá.

Através de projetos multidisciplinares\* a FAO tem ajudado governos e administrações urbanas a otimizar políticas, quadros institucionais e serviços de apoio à HUP, e a melhorar os sistemas de produção hortícola. Promoveu a horticultura

comercial de irrigação nas periferias urbanas, simples micro-hortas hidropônicas em favelas e telhados verdes no centro de cidades densamente povoadas.

O programa da FAO e iniciativas semelhantes de organizações parceiras demonstram que a horticultura ajuda a emancipar os setores pobres da população urbana e fortalece sua segurança alimentar e sua nutrição. Mas também pode ajudar a criar cidades mais verdes que podem enfrentar melhor os desafios sociais e ambientais, desde o melhoramento das favelas e a gestão dos resíduos urbanos até a criação de empregos e o desenvolvimento comunitário.

\* Projetos de fomento da HUP com assistência da FAO receberam financiamento da Bélgica, Canadá, Colômbia, Espanha, França, Itália, Noruega e Venezuela.



# Segurança alimentar e nutricional

**O cultivo de frutas e hortaliças nas cidades e seus arredores aumenta a oferta de produtos frescos e nutritivos e melhora o acesso econômico dos pobres aos alimentos.**

**S**egurança alimentar significa que as pessoas podem produzir suficientes alimentos, ou comprá-los, para satisfazer suas necessidades diárias a fim de levar uma vida ativa e saudável. Em muitas das cidades em desenvolvimento do século 21 todas estas condições da segurança alimentar estão ameaçadas.

As famílias urbanas pobres gastam até 80% de sua renda em alimentos, o que as torna muito vulneráveis quando os preços dos alimentos sobem ou sua renda diminui. A FAO estima que, após a inflação mundial dos preços dos alimentos de 2007–2008 e a recessão econômica subsequente, o número de pessoas que sofrem de fome crônica no mundo aumentou pelo menos 100 milhões, para mais de 1 bilhão de pessoas. O maior aumento ocorreu entre a população urbana pobre, as mulheres e as crianças.

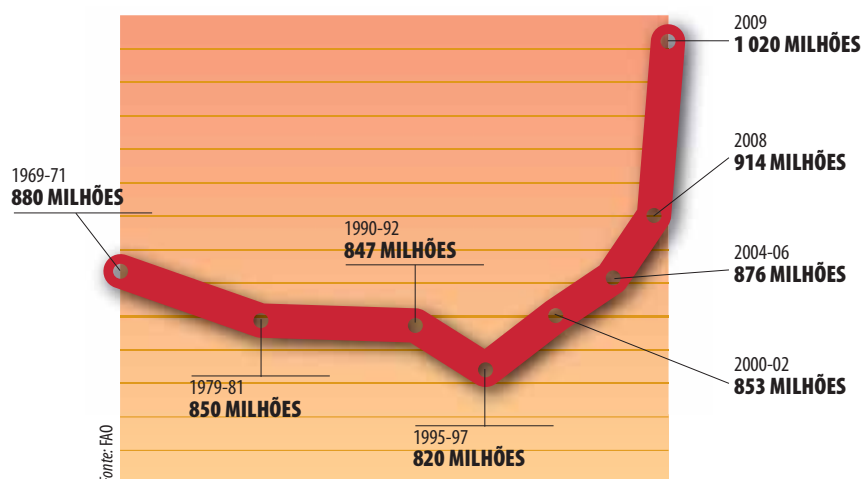
O acesso a alimentos *nutritivos* é uma dimensão essencial da segurança alimentar. Na África e na Ásia, as famílias urbanas gastam até 50% de seu orçamento alimentar em produtos preparados baratos, muitas vezes carentes das vitaminas e minerais essenciais para a saúde. Um estudo revelou que a falta de vitamina A, causa da cegueira, era mais aguda entre os habitantes dos bairros pobres de Dhaka do que entre os grupos rurais pobres.

As frutas e hortaliças são as fontes naturais que têm maior abundância de micronutrientes, mas nos

países em desenvolvimento o consumo diário de fruta e hortaliças é apenas de 20% a 50% do recomendado pela FAO e a Organização Mundial da Saúde (OMS). As refeições urbanas baratas, ricas em gorduras e açúcares, também são responsáveis pelo aumento da obesidade e sobrepeso. Na Índia, as doenças crônicas relacionadas à alimentação, como a diabetes, são um problema de saúde cada vez maior, sobretudo nas zonas urbanas.

**Figura 3. Número de desnutridos, 1969-71 a 2009**

*O maior aumento ocorreu entre pobres urbanos, mulheres e crianças.*





A horticultura urbana e periurbana ajuda as cidades em desenvolvimento a enfrentar esses desafios. Primeiro, contribui para o fornecimento de produtos frescos, nutritivos e disponíveis o ano todo. Segundo, melhora o acesso econômico dos pobres aos alimentos quando a produção familiar de frutas e hortaliças reduz os gastos com alimentos e quando os produtores obtêm renda com as vendas (veja *Meios de subsistência sustentáveis*, página 8).

**Segurança alimentar urbana.** A horticultura intensiva nas periferias urbanas faz sentido. Mas, à medida que as cidades crescem, perdem-se valiosas

terras agrícolas para a construção de casas, indústria e infraestrutura (a expansão de Accra absorve cerca de 2.600 hectares de terras agrícolas a cada ano). Resultado: a produção de alimentos frescos está sendo empurrada para as áreas rurais. O custo do transporte, empacotamento e refrigeração, o mau estado das estradas rurais e as vultosas perdas em trânsito aumentam a escassez e o custo de frutas e hortaliças nos mercados urbanos.

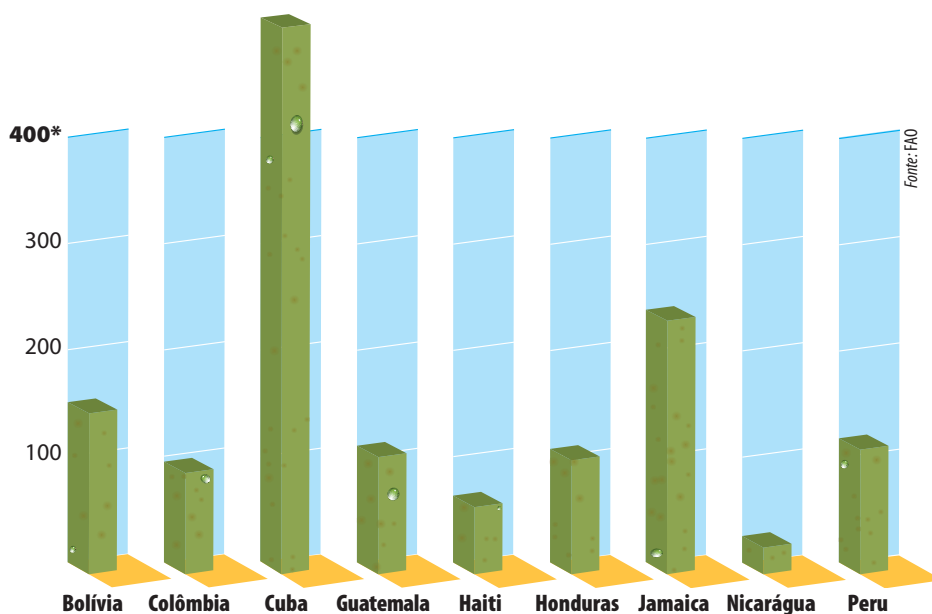
Por isso, a China integra a produção de alimentos ao desenvolvimento urbano desde os anos 1960. Hoje, mais de metade das hortaliças consumidas em Pequim vem das próprias hortas da cidade e custam menos que os produtos transportados de áreas mais distantes. A horticultura em Hanói e seus arredores produz mais de 150.000 toneladas de frutas e hortaliças por ano. Em Cuba, que promove a HUP intensiva desde o início dos anos 1990, o setor responde por 60% da produção hortícola – e o consumo *per capita* de frutas e hortaliças dos cubanos excede o mínimo recomendado pela FAO/OMS.

À medida que a urbanização se acelera na África Subsaariana, muitos países estão procurando desenvolver sua própria horticultura comercial para assegurar a segurança alimentar urbana. Muitas vezes o primeiro passo consiste em legalizar e proteger pequenas hortas que surgiram sem planejamento ou licença.

Na República Democrática do Congo, por exemplo, a FAO prestou assessoria sobre medidas para regularizar títulos de 1.600 ha de hortas cuidadas por cerca de 20.000 produtores em cinco cidades. O projeto introduziu variedades melhoradas de hortaliças e instalou ou melhorou

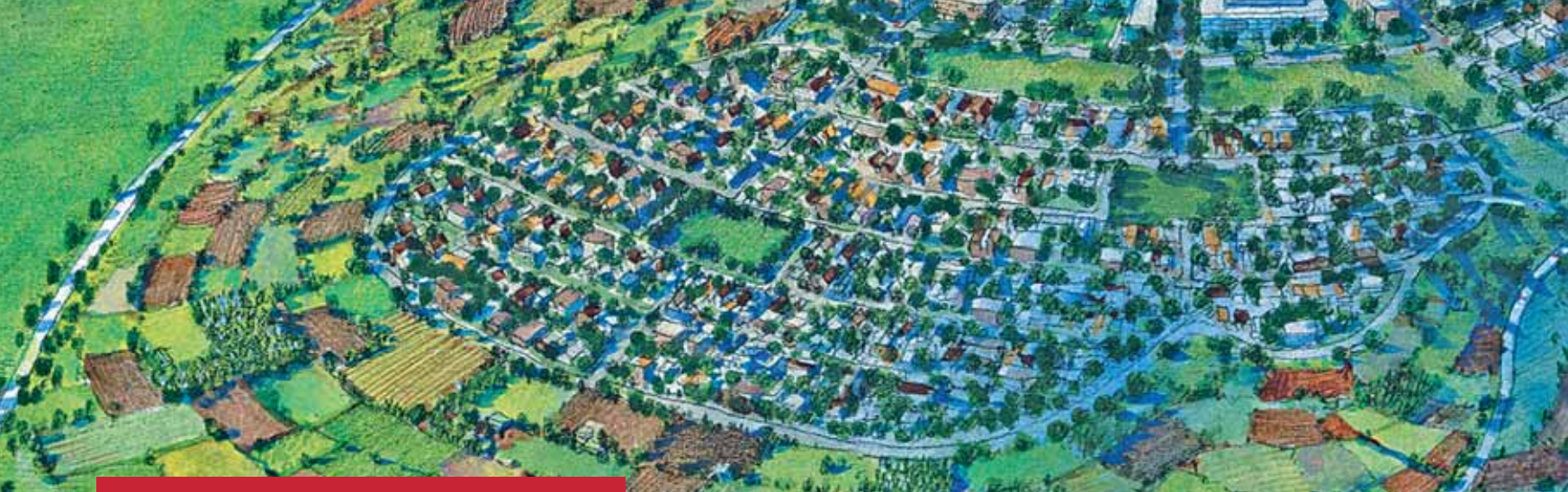
**Figura 4. Consumo diário de frutas e hortaliças em países selecionados da América Latina e Caribe, 2005 (gramas/pessoa/dia)**

*Que país promove a horticultura urbana intensiva desde o início dos anos 1990?*



\*mínimo recomendado pela FAO/OMS





*Na Bolívia, a FAO ajuda a capacitar moradores pobres para que cultivem frutas e hortaliças em estufas de baixo custo.*

40 estruturas de irrigação, que estenderam a disponibilidade de água, e a produção, durante todo o ano.

Para assegurar a qualidade e segurança dos produtos, 450 associações de produtores receberam capacitação em boas práticas agrícolas, inclusive o uso de fertilizantes orgânicos e biopesticidas. Hortas comerciais na capital, Kinshasa, agora produzem cerca de 75.000 a 85.000 toneladas de hortaliças por ano, ou 65% do abastecimento da cidade.

**Segurança alimentar familiar.** O programa de HUP da FAO também promove hortas domésticas, escolares e comunitárias, onde os pobres urbanos cultivam suas próprias frutas e hortaliças e ganham dinheiro com a venda do excedente. No Estado Plurinacional da Bolívia, a FAO ajudou a introduzir estufas comunitárias e micro-hortas no município de El Alto, onde 70% dos moradores vivem em situação de pobreza e 40% das crianças com menos de cinco anos são desnutridas.

Cerca de 1.500 famílias foram capacitadas para cultivar uma ampla variedade de hortaliças, ervas, plantas medicinais e frutas em pequenas estufas de baixo custo. O resultado foi uma melhora geral na nutrição infantil e poupança familiar (em média 30 dólares por mês), gasta na compra de ovos e carne. Benefícios semelhantes foram observados

em Caracas depois que o governo instalou 4.000 micro-hortas nos bairros pobres da cidade. No Equador, micro-hortas em 54 centros de desenvolvimento infantil alimentam 2.500 crianças e as vendas geram renda suficiente para se tornarem autossustentáveis.

A FAO ajudou mulheres em bairros pobres de Dakar a iniciar micro-hortas em seus quintais, pátios e lajes. Por metro quadrado, as hortas produzem por ano até 30 kg de tomates, alface e feijão, duplicando o consumo de hortaliças pelas famílias participantes.

As hortas escolares são um meio comprovado de promover a nutrição infantil. Elas familiarizam as crianças com a horticultura, fornecem frutas e hortaliças frescas para refeições escolares saudáveis, ajudam os professores a desenvolver cursos de nutrição e, quando replicadas em casa, melhoram a nutrição familiar. Nos últimos 10 anos, a FAO forneceu ferramentas, sementes e capacitação para estabelecer milhares de hortas escolares em mais de 30 países.



## Meios de subsistência sustentáveis

**A horticultura urbana e periurbana proporciona meios de subsistência resistentes a crises econômicas e aumentos nos preços dos alimentos e contribui para o desenvolvimento econômico das cidades.**

**A** Organização Internacional do Trabalho estima que 180 milhões de habitantes urbanos dos países em desenvolvimento estão desempregados e outros 550 milhões ganham apenas o suficiente para sobreviver na economia informal. Nos próximos 10 anos, quase 500 milhões de pessoas, muitas delas das áreas rurais, ingressarão no mercado de trabalho. A menos que os países em desenvolvimento criem mais oportunidades de trabalho decente e produtivo, o número de desempregados e trabalhadores pobres poderá chegar a 45% da população urbana em 2020.

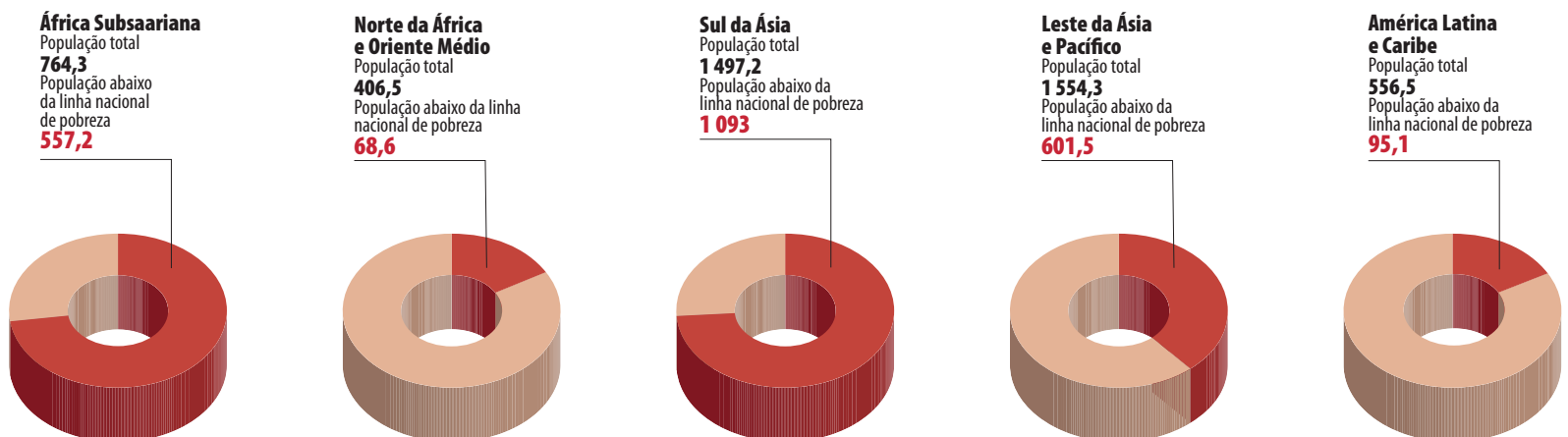
A horticultura urbana e periurbana oferece uma

via de saída da pobreza. Tem baixos custos iniciais, ciclos de produção curtos e altos rendimentos por unidade de tempo e unidade de terra e água. Seus produtos têm alto valor comercial. Por fazer uso intenso da mão de obra, a horticultura cria empregos, particularmente para os recém-chegados das áreas rurais.

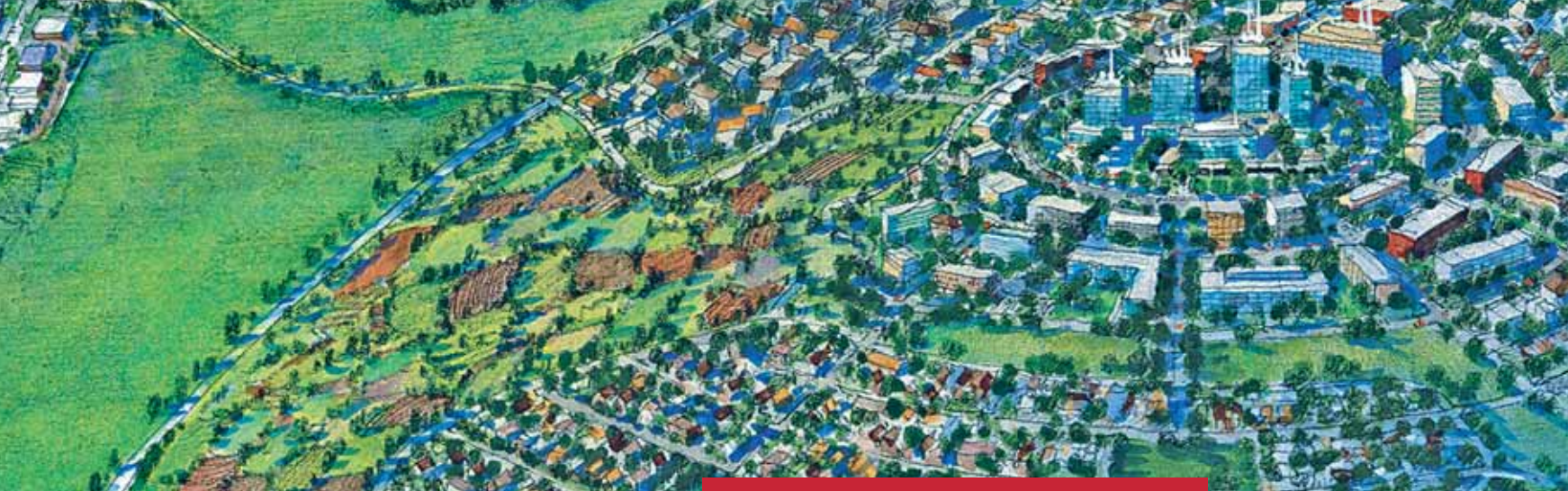
Dos 800 milhões de pessoas que se dedicam à agricultura urbana e periurbana em todo o mundo, 200 milhões produzem para o mercado e empregam 150 milhões de pessoas em tempo integral. O setor proporciona diretamente cerca de 117.000 empregos em Havana e renda para 150.000 famílias, ou 24% de todas as famílias, em Hanói. A

**Figura 5. População com renda abaixo da linha nacional de pobreza, 2005 (milhões)**

*Em 2020, a proporção da população urbana pobre pode chegar a 45%.*



Fonte: Banco Mundial



FAO calcula que o programa de HUP na República Democrática do Congo criou cerca de 40 empregos por cada hectare cultivado, ou 66.000 empregos, beneficiando indiretamente cerca de 330.000 pessoas.

A horticultura pode ser rentável até mesmo em pequena escala. Em Dakar, as mulheres mantêm 30% das hortaliças cultivadas em suas micro-hortas para consumo doméstico e vendem o excedente em quiosques familiares, ganhando o equivalente ao salário de um trabalhador. Nas favelas de Lima, as mulheres praticam a HUP a tempo parcial para ganhar renda extra e ainda têm tempo para realizar tarefas domésticas e cuidar das crianças.

A FAO encoraja o uso de microcrédito para ajudar os horticultores a expandir a produção e iniciar novos empreendimentos. Em Lubumbashi, na República Democrática do Congo, 6.000 horticultoras usaram empréstimos para comprar insumos e equipamento. À medida que sua renda aumentou, investiram a poupança na criação de animais, processamento de hortaliças e confecção de roupas. Os filhos das horticultoras de Lubumbashi agora fazem em média três refeições por dia, em comparação com “menos de duas” antes do projeto.

A cadeia de produtos hortícolas, por ser longa e complexa, gera empregos na produção, fornecimento de insumos, comercialização e agregação de valor do produtor ao consumidor. Cerca de 10% da força de trabalho qualificada de Hanói está empregada diretamente na agricultura, e milhares de trabalhadores encontram ocupação na produção de insumos (por exemplo, nos viveiros de plantas) e processamento e distribuição de alimentos. Na Argentina, Brasil e Uruguai, a HUP

*A cadeia de produtos hortícolas gera empregos na produção, fornecimento de insumos, comercialização e agregação de valor do produtor ao consumidor.*

criou empregos numa variedade de sistemas de comercialização, inclusive mercados comunitários e entrega de cestas em domicílio.

A HUP pode desempenhar um papel importante em estratégias de desenvolvimento econômico local (DEL). Nas periferias urbanas e em outras áreas com terras adequadas para a produção agrícola, a horticultura proporciona um objetivo para os programas de DEL, que aproveitam as vantagens comparativas das áreas locais para promover o crescimento econômico, emprego e redução da pobreza.



## Meio ambiente seguro e limpo

**Associar a gestão de resíduos com a horticultura ajuda a manter limpo o ambiente urbano, reduz os riscos para a saúde e aumenta a produção de alimentos frescos.**

A poluição em cidades que se expandem rapidamente representa uma séria ameaça à saúde pública. Sem dispor de sistemas adequados de esgotos e estações de tratamento, muitas cidades descarregam diariamente no meio ambiente enormes volumes de dejetos humanos e efluentes industriais. Nas favelas, a diarreia provocada por

água contaminada é a principal causa de mortalidade infantil.

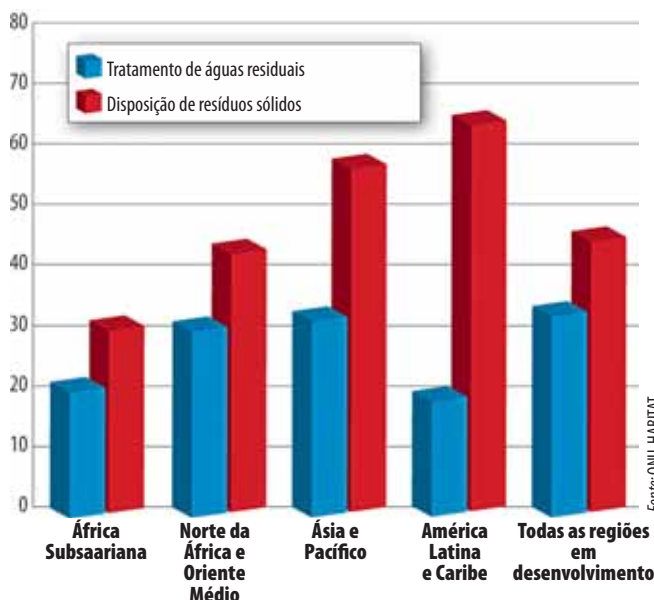
O lixo é deixado para apodrecer nas ruas ou jogado em aterros, aumentando a contaminação das águas subterrâneas. As indústrias e o trânsito produzem poluição do ar, responsável em Jacarta por um terço de todas as doenças respiratórias. Os pobres urbanos enfrentam outros riscos ambientais: os assentamentos construídos em terras marginais são vulneráveis a desabamentos e inundações.

A horticultura urbana e periurbana pode transformar os resíduos num recurso produtivo. Na América do Norte, muitas cidades reciclam resíduos orgânicos e os oferecem aos cidadãos como adubo composto para as hortas domésticas. Em Adis Abeba, uma empresa privada coleta diariamente cerca de 3,5 toneladas de resíduos orgânicos e os convertem em quase duas toneladas de fertilizantes de alta qualidade. O programa nacional de HUP de Cuba proíbe o uso de fertilizantes químicos nas cidades e encoraja a compostagem orgânica.

O uso de águas residuais na horticultura é mais problemático: os patógenos nas hortaliças cultivadas com águas residuais não tratadas podem causar doenças gastrointestinais e até mesmo cólera. Porém, se tratadas apropriadamente para reutilização agrícola, as águas residuais de fontes domésticas podem fornecer a maior parte dos

**Figura 6. Gestão de resíduos urbanos, por região (%)**

*Somente um terço das águas residuais é tratado nas cidades dos países em desenvolvimento.*





nutrientes necessários para cultivar árvores frutíferas, hortaliças e plantas ornamentais.

Para reduzir o risco de contaminação, a FAO ajuda a capacitar horticultores no manuseio seguro de águas residuais e seleção de lavouras adequadas. Em Gaza e na Cisjordânia, introduziu unidades de tratamento de baixo custo que permitiram aos moradores irrigar hortas e pomares com as águas despejadas de cozinhas e chuveiros.

À medida que se intensifica a competição pelas águas urbanas, a reciclagem das águas residuais para horticultura precisa ser incorporada ao planejamento urbano. Uma opção promissora para as cidades de países em desenvolvimento é a criação de tanques de estabilização pouco profundos que

*No Cairo, as casas com hortaliças plantadas nos telhados são 7°C mais frias que as casas vizinhas.*

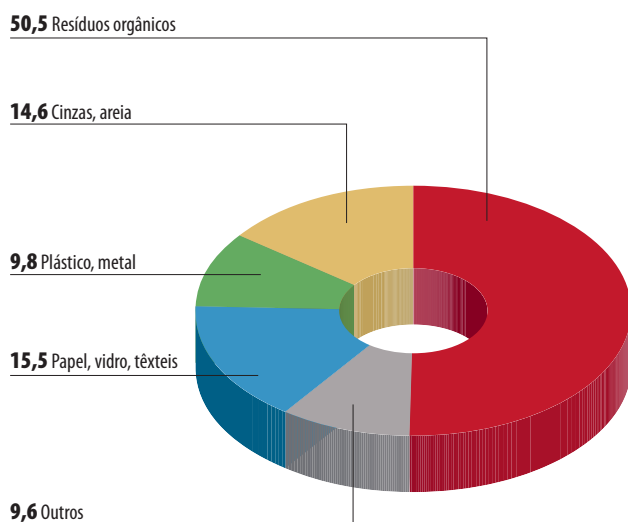
utilizam algas e bactérias para eliminar patógenos e retêm os nutrientes.

A HUP tem outros benefícios ambientais. Reduz a necessidade de transportar produtos das áreas rurais para as cidades, gerando poupança de combustível, menos emissões de dióxido de carbono e menos poluição do ar. Também reduz a temperatura nas cidades (no Cairo, as casas com hortaliças plantadas nos telhados são 7°C mais frias que as casas vizinhas) e, quando praticada em cinturões verdes, melhora a paisagem e a qualidade de vida dos cidadãos. Na costa árida do Peru, a horticultura ajudou a “enverdecer” muitos municípios.

Os cinturões verdes também estabilizam terras ambientalmente frágeis, como encostas e margens dos rios, e impedem que sejam usadas para a construção de moradias inseguras. Em Bogotá, Hanói e São Paulo, hortas municipais ajudam a manter a estrutura e porosidade do solo, o que melhora a recarga dos aquíferos e reduz escorrimientos, prevenindo desabamentos e inundações.

**Figura 7. Resíduos sólidos produzidos pela cidade de Thiruvananthapuram, Índia (%)**

*Muita matéria-prima. Os resíduos orgânicos podem ser convertidos em adubos compostos de alta qualidade.*



Fonte: Nair e Sridhar, *Cleaning up Kerala*, Danish Books, Delhi (2005)



## Boa governança

**A criação de uma HUP sustentável proporciona um laboratório para enfoques inovadores de desenvolvimento urbano e exemplos de boa governança em ação.**

O Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos afirma que a “ingovernabilidade” das áreas urbanas se deve mais a falhas de governança e planejamento urbano do que ao tamanho da cidade e sugere ações para fortalecer a capacidade dos governos locais de planejar o futuro crescimento, bem como governança integrada que melhore a coordenação entre os serviços públicos de todos os níveis.

Em muitos países, a HUP não é reconhecida nas políticas agrícolas e planejamento urbano. Os produtores em geral atuam sem licença das autoridades municipais, ou em terras regidas pelo direito consuetudinário. Por ser oficialmente “invisível”, não recebe assistência pública nem supervisão. Os agricultores que não têm títulos seguros de suas terras e contam com acesso limitado ou não têm acesso a insumos e serviços de extensão têm pouco incentivo para investir no aumento da produção.

O enfoque que a FAO aplica à horticultura urbana e periurbana sublinha a necessidade de transformar a HUP numa atividade comercial e profissional plenamente reconhecida, integrada às estratégias nacionais de desenvolvimento agrícola, programas de alimentos e nutrição e planejamento urbano.

Na América Latina, Argentina, Brasil e Cuba

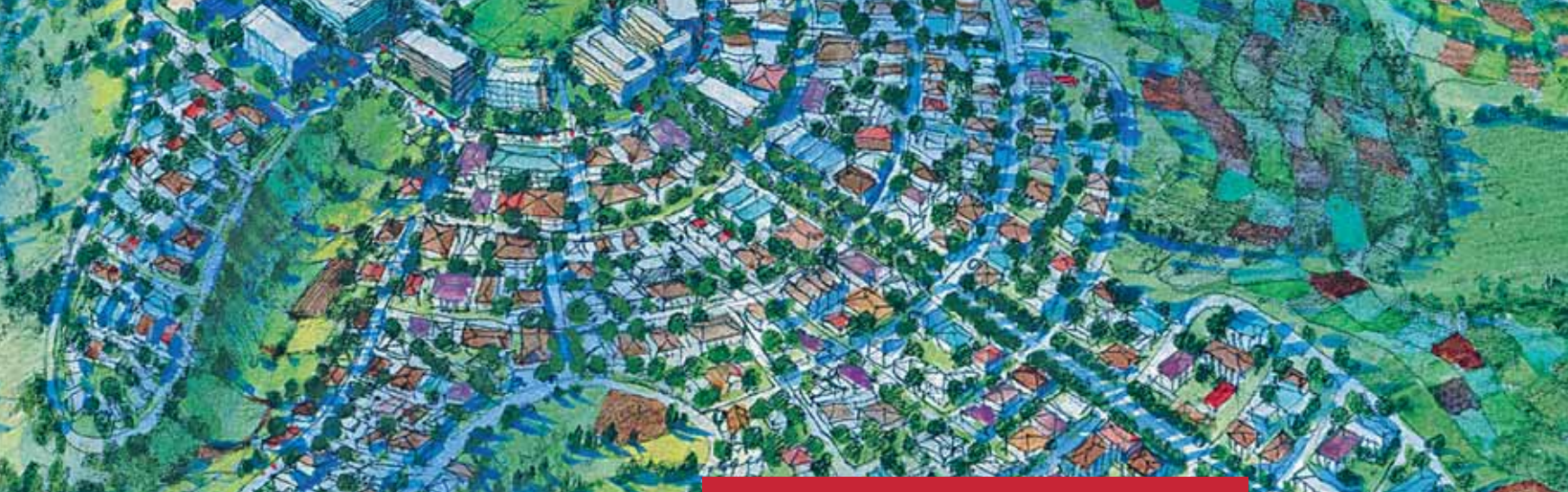
adotaram planos e políticas nacionais para promover ativamente a HUP. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome do Brasil estabelece diretrizes para a agricultura urbana. No Egito, a FAO ajudou o governo a lançar um programa de “alimentos verdes de telhados verdes”, que encoraja os moradores do Cairo a cultivar suas próprias hortaliças em canteiros de casca de arroz, areia e musgo.

A República Democrática do Congo criou uma estrutura institucional eficaz para o

### **Figura 8. Plano Mestre de Kigali (detalhe)**

*Em Ruanda, a cidade de Kigali buscou a assessoria da FAO sobre medidas destinadas a integrar a HUP ao plano mestre de desenvolvimento municipal.*





desenvolvimento nacional da HUP. Comissões municipais presididas pelos prefeitos administram o processo de regularização de títulos das terras para horticultura e integração da HUP ao planejamento urbano, enquanto o serviço nacional de apoio à HUP proporciona assessoria técnica aos produtores mediante uma rede de escritórios em 11 capitais provinciais.

Agora existem programas de agricultura urbana reconhecidos pelo governo na maioria das cidades da África do Sul. A prefeitura de Cape Town fornece ferramentas, sementes e adubo, além de acesso a capacitação, a grupos de horticultores comunitários. Nairóbi e Accra criaram departamentos municipais de agricultura. Em Hanói, uma ampla gama de serviços públicos, inclusive 100 funcionários encarregados da

### *O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome do Brasil estabelece diretrizes para a agricultura urbana.*

proteção de plantas e extensão, apoia o próspero setor de agricultura urbana.

O desenvolvimento da HUP promove uma colaboração mais estreita entre o governo e os departamentos municipais. Em Windhoek, a FAO trabalhou com os ministérios de juventude, governo local e igualdade de gênero num projeto para jovens desempregados. Em Kampala, especialistas em saúde, agricultura e planejamento municipal trabalharam juntos na elaboração de novos regulamentos que removeram velhas barreiras à “agricultura urbana”.

Como parte da estratégia nacional de redução da pobreza da Bolívia, o município de El Alto, próximo a La Paz, lançou um “plano verde” que destinou 3.700 ha para parques, jardins e horticultura e criou uma unidade de HUP no departamento municipal de meio ambiente. Em Ruanda, a cidade de Kigali buscou assessoria da FAO sobre medidas destinadas a integrar a HUP ao plano mestre de desenvolvimento municipal.

O centro urbano é uma zona de uso misto similar às zonas de alta densidade, em termos de uso e tamanho dos edifícios, mas com uma concentração de instalações públicas e culturais.





## Comunidades saudáveis

**Pomares e hortas fornecem aos grupos excluídos alimentos, renda, um foco para atividades conjuntas e um canal construtivo para a energia dos jovens.**

**F**ome, pobreza, exploração e desesperança podem provocar altos índices de criminalidade, prostituição, crianças desamparadas e abuso de drogas nas cidades em desenvolvimento. Os jovens são particularmente vulneráveis. Nos países em desenvolvimento, quase metade da população tem menos de 25 anos; na África Subsaariana, 43% têm menos de 15 anos. À medida que as altas taxas de nascimento e migração rural acrescentarem milhões à população juvenil na próxima década, a frustração urbana pode atingir o ponto de ebulição.

Ao fornecer alimentos, renda e um foco para atividades conjuntas, a horticultura urbana e periurbana ajuda a criar comunidades mais felizes e saudáveis. Integra grupos excluídos e vulneráveis ao

tecido social urbano e oferece um canal construtivo para a energia dos jovens.

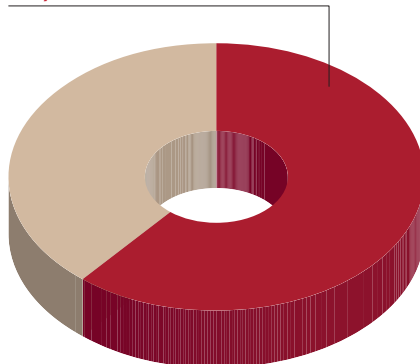
Na Colômbia, por exemplo, o programa de horticultura comunitária “Bogotá sem indiferença” estende os benefícios da horticultura a ex-combatentes, idosos, presidiárias, deficientes e pessoas com HIV/AIDS.

Em Nairóbi, na favela Mathare, jovens que roubavam agora ganham a vida decentemente cultivando e vendendo hortaliças em sua comunidade. A renda ajuda a pagar a escola noturna. Hortas comunitárias em Buenos Aires são descritas como “símbolos de vitalidade e crescimento” em bairros conhecidos pela criminalidade e pobreza.

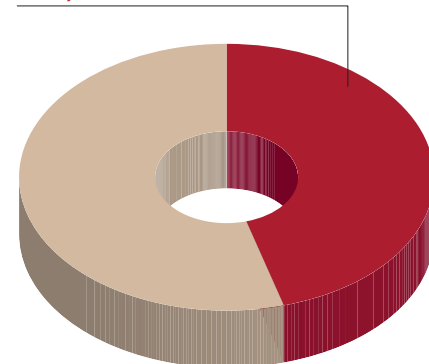
**Figura 9. Estrutura etária da população mundial, 2007**  
(milhões)

*No mundo em desenvolvimento, quase metade da população tem menos de 25 anos.*

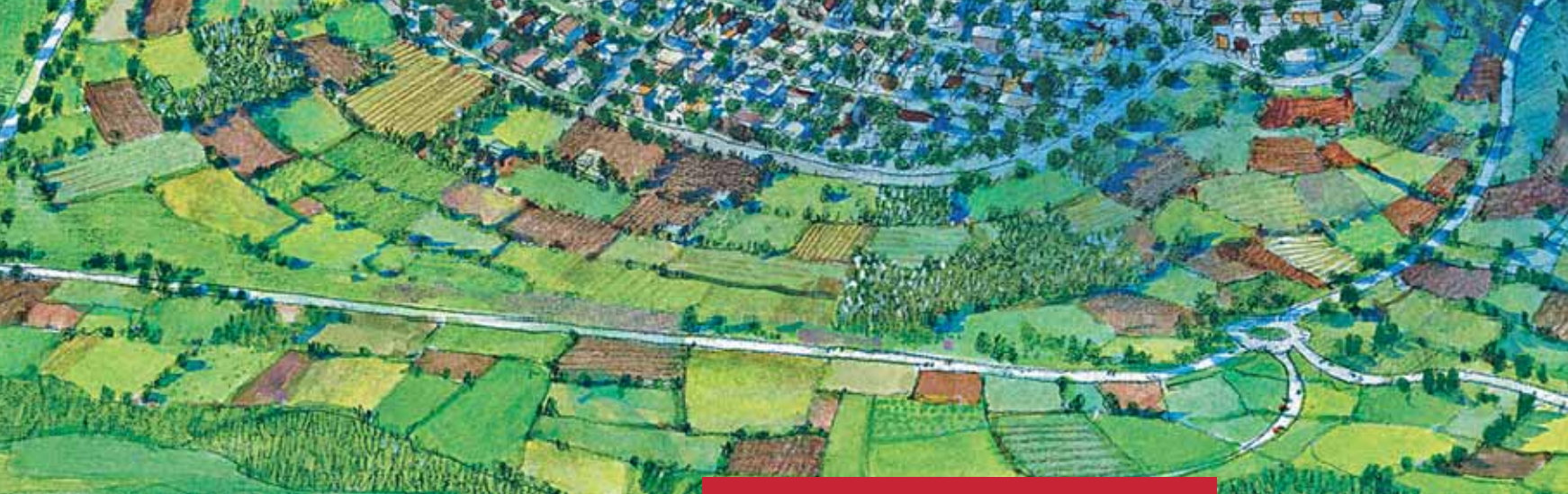
**África**  
Menos de 25 anos  
**590,8**



**Ásia**  
Menos de 25 anos  
**1 837,8**







Dados sobre cidades do mundo inteiro sublinham o impacto positivo da horticultura urbana e periurbana sobre mulheres, jovens e crianças. Entre os benefícios citados pelos participantes de um projeto de micro-hortas comunitárias no Senegal encontra-se o intercâmbio social entre donas de casa previamente isoladas.

Na periferia da Cidade do México, mulheres que trabalhavam como empregadas no centro da cidade saíam de casa às 4 horas e voltavam de noite. Durante sua ausência, seus filhos estavam expostos a gangues de rua. Ao dedicar-se à horticultura, não só encontraram uma fonte de subsistência, mas puderam dedicar mais tempo aos seus filhos.

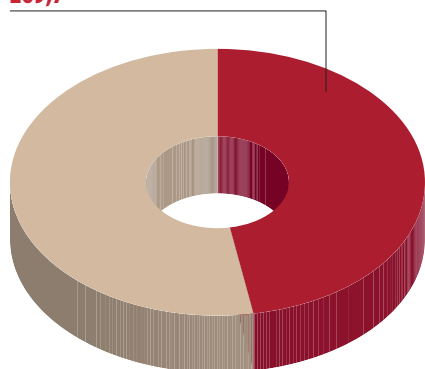
Em Port Elizabeth, África do Sul, onde toda uma geração de pais morreu de AIDS, uma ONG estabeleceu hortas escolares e plantações nos quintais para famílias chefiadas por órfãos, em colaboração com uma clínica de saúde. As avós formaram um círculo social que proporciona cuidados e apoio, e a frequência escolar aumentou em 25%.

*Jovens que antes roubavam agora ganham a vida decentemente cultivando e vendendo hortaliças em sua comunidade.*

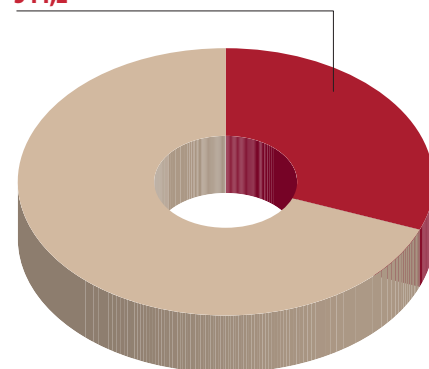
Na cidade de Katatura, Namíbia, a FAO ajudou um grupo de horticultores chamado “Hope” a estabelecer um centro de capacitação em horticultura para outros moradores da comunidade.

A FAO afirma que a horticultura urbana e periurbana deve ocupar um lugar importante nos esquemas de melhoria das favelas e nos projetos de novos bairros para famílias de baixa renda. Além de renda e alimentos, os pomares e hortas oferecem um ambiente saudável, conexão com a natureza e o prazer de mexer na terra e regar as plantas ao entardecer.

**América Latina e Caribe**  
Menos de 25 anos  
**269,7**



**América do Norte, Europa e Oceania**  
Menos de 25 anos  
**344,2**



Fonte: Divisão de Estatística das Nações Unidas

## **Programa de Horticultura Urbana e Periurbana (HUP) da FAO**


Para ajudar os países em desenvolvimento a enfrentar os desafios da urbanização maciça e rápida, em 2001 a FAO lançou uma iniciativa multidisciplinar, Alimentos para as Cidades, que visa a assegurar o acesso das populações urbanas a alimentos inócuos e ambientes saudáveis e seguros. O Programa de Horticultura Urbana e Periurbana da FAO é um componente essencial dessa iniciativa. Ele ajuda os governos e administrações municipais a otimizar políticas, quadros institucionais e serviços de apoio à HUP, melhorar os sistemas de produção e comercialização e ampliar a cadeia de valor da horticultura.

### *Contato:*

Programa de Horticultura Urbana e Periurbana  
Divisão de Produção e Proteção Vegetal (AGP)  
Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura  
Viale delle Terme di Caracalla  
00153 Roma, Itália

e-mail: [greenercities@fao.org](mailto:greenercities@fao.org)

site: [www.fao.org/ag/agp/greenercities/](http://www.fao.org/ag/agp/greenercities/)

 Produzido com uma contribuição da Cooperação Belga para o Desenvolvimento. A Bélgica é uma importante parceira do Programa de Horticultura Urbana e Periurbana da FAO. Forneceu financiamento para projetos da FAO no Estado Plurinacional da Bolívia, Burundi, República Democrática do Congo, Côte d'Ivoire e Namíbia e para uma iniciativa global destinada a divulgar lições aprendidas.

*Ilustrações do Plano Mestre de Kigali fornecidas por OZ Architecture – [www.ozarch.com](http://www.ozarch.com)  
Texto e desenho: Graeme Thomas e Giulio Sansonetti • Capa: Giancarlo de Pol*





Programa de Horticultura  
Urbana e Periurbana da FAO

*Como a horticultura urbana  
e periurbana contribui para:*

- ✿ segurança alimentar  
e nutricional*
- ✿ meios  
de subsistência sustentáveis*
- ✿ meio ambiente seguro  
e limpo*
- ✿ boa governança*
- ✿ comunidades saudáveis*



Organização das Nações Unidas  
para Alimentação e Agricultura (FAO)  
Viale delle Terme di Caracalla  
00153 Roma, Itália  
[www.fao.org](http://www.fao.org)